



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Prof^a. Marcella de Assis Moraes

**DUAS ALMAS E UM ESPELHO: IDENTIDADE, IRONIA E CRÍTICA SOCIAL
EM MACHADO DE ASSIS**

Yasmin Bomfim Machado Pimenta

190096942

Brasília, junho de 2025

Resumo

O presente artigo analisa o conto *O Espelho*, de Machado de Assis, sob a perspectiva da crítica social e da constituição da subjetividade, articulando literatura, psicanálise e mitologia clássica. A narrativa é interpretada como uma metáfora da fragilidade do sujeito brasileiro do século XIX, cuja identidade é sustentada por títulos, insígnias e reconhecimento alheio. Com base nas leituras de Roberto Schwarz (2000), Raymundo Faoro (1974), Antônio Candido (1995), o texto evidencia a crítica machadiana à estrutura hierárquica da sociedade escravocrata, revelando que a posição social do indivíduo depende da encenação de prestígio e do olhar dos outros, inclusive dos escravizados. Através do mito de Narciso e do conceito lacaniano de “estádio do espelho”, demonstra-se como o alferes protagonista só se reconhece como sujeito a partir da imagem idealizada refletida no espelho, uma imagem mediada pelos símbolos sociais. Quando privado desses elementos, mergulha em crise identitária, revelando o vazio ontológico por trás da “alma exterior”. Assim, *O Espelho* configura-se como uma crítica contundente à obsessão nacional por títulos e aparências, denunciando o caráter performático e ilusório da identidade social no Brasil oitocentista.

Palavras-chave: Machado de Assis; *O Espelho*; identidade; psicanálise; Narciso; Lacan; crítica social brasileira.

Abstract

This article analyzes Machado de Assis's short story "The Mirror" from the perspective of social criticism and the constitution of subjectivity, articulating literature, psychoanalysis, and classical mythology. The narrative is interpreted as a metaphor for the fragility of the 19th-century Brazilian bourgeois subject, whose identity is sustained by titles, insignia, and the recognition of others. Based on the readings of Roberto Schwarz (2000) and Raymundo Faoro (1974), the text highlights Machado de Assis's critique of the hierarchical structure of slave society, revealing that an individual's social position depends on the staging of prestige and the gaze of others, including enslaved people. Through the myth of Narcissus and the Lacanian concept of the "mirror stage," it demonstrates how the protagonist, the ensign, only

recognizes himself as a subject through the idealized image reflected in the mirror, an image mediated by social symbols. When deprived of these elements, he plunges into an identity crisis, revealing the ontological void behind the "external soul." Thus, *The Mirror* constitutes a scathing critique of the national obsession with titles and appearances, exposing the performative and illusory nature of social identity in nineteenth-century Brazil.

Keywords: Machado de Assis; *The Mirror*; identity; psychoanalysis; Narcissus; Lacan; Brazilian social criticism.

1 Introdução

O conto “*O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*”, de Machado de Assis, sintetiza com maestria algumas das marcas mais sofisticadas do projeto literário machadiano: a ironia, a ambiguidade narrativa, a crítica social e a reflexão filosófica sobre a identidade. Publicado originalmente em 1882, o conto representa não apenas um exercício de engenho estilístico, mas também uma análise sutil das estruturas simbólicas que sustentam o sujeito dentro da sociedade brasileira.

Este artigo propõe uma leitura do conto *O Espelho* a partir da intersecção entre autores, como Roberto Schwarz, Raymundo Faoro, Sidney Chalhoub e Mário Matos, com ênfase na forma como Machado articula crítica social e indagação metafísica por meio da ironia e da estrutura narrativa. Para tanto, será analisada a metáfora da “alma exterior”, o papel do espelho como símbolo de reconhecimento, e a transição narrativa provocada pela ausência da tia Marcolina, que impulsiona a reflexão do protagonista sobre a constituição fragmentada do eu. Ao final, pretende-se evidenciar como Machado de Assis constrói, sob o disfarce de uma teoria cômico-metafísica, uma crítica à identidade baseada em aparências e à fragilidade do prestígio social numa sociedade marcada pela desigualdade.

2 Contexto e proposta do conto

Segundo Schwarz (1990), a obra machadiana pode ser entendida como uma reflexão estrutural sobre a sociedade brasileira oitocentista, na qual o autor não apenas retrata, mas analisa criticamente os mecanismos de manutenção das relações de autoridade e exploração características do período. O crítico literário argumenta que Machado desenvolveu, ao longo de sua trajetória, um peculiar "dispositivo literário" (SCHWARZ, 2000, p. 9) - uma forma narrativa inovadora que conseguia expressar artisticamente a própria lógica estrutural da nação, transformando as contradições sociais em princípio organizador de sua escrita. No conto "O Espelho", essa perspectiva se manifesta de forma exemplar.

O título "Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana", já antecipa o tom satírico do conto ao apresentar-se como se fosse um tratado científico. A palavra "esboço" indica algo inacabado, provisório, enquanto a expressão "nova teoria" sugere uma pretensão de inovação. Ao juntar essas ideias à expressão "alma humana", um conceito filosófico profundo e subjetivo, Machado constrói uma expectativa que logo será subvertida pela ironia presente no texto.

Mário Matos (1939) reconhece a presença marcante de elementos de oralidade nos contos de Machado de Assis, destacando que esse gênero literário, por sua própria origem ligada à tradição da contação de histórias, mantém uma relação mais estreita com a linguagem cotidiana do que o romance. Ao analisar a produção machadiana em comparação com a de outros contistas que também publicavam nos periódicos da época, Matos aponta que Machado se destaca do conjunto por apresentar traços estilísticos singulares, que o afastam de fórmulas convencionais e revelam uma identidade própria em sua escrita:

Conduzido pelo dom, pela vocação de contador de histórias, sabe encarar a vida diretamente e dar à narrativa a feição de oralidade, de modo a transmitir ao leitor a sensação que está não lendo, mas ouvindo contar. É importante isto. Em verdade, uma história não se deve ler, deve-se escutar. Aí está a graça da especialidade. Machado, no conto, não descreve, mostra, fala. Quando os personagens têm que se caracterizar, conversam uns com os outros, e eis por que vemos, continuamente, muitos diálogos nos contos. Diálogos de significativa naturalidade (MATOS, 1939, 418-419).

Em *O espelho*, essas características estão fortemente expressas, contribuindo para conferir às situações narradas um tom misterioso, de suspense, quase sobrenatural. Vejamos o primeiro parágrafo:

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo (ASSIS, 2004, p. 345).

Neste trecho, o narrador descreve o ambiente — uma sala modesta localizada em uma casa no Morro de Santa Teresa, bairro situado num morro (de mesmo nome) da região central do Rio de Janeiro, composto de várias ladeiras que o ligam aos bairros vizinhos, das zonas Central, Sul e Norte da cidade. O bairro surgiu, no século XVIII, a partir da construção do convento de freiras da Ordem das Carmelitas de Santa Teresa. Foi habitado pela elite, mas comportava também residências de uma pequena classe média de funcionários públicos e comerciantes, sendo um dos polos de expansão de povoamento da cidade. A sala também é suavemente iluminada por velas cuja luz se mistura de forma enigmática com o luar vindo do exterior. Também são introduzidos os personagens — um grupo de quatro ou cinco senhores, amigos entre si — e a ação central da narrativa — uma discussão em torno de temas metafísicos e de elevada abstração. Este cenário, que poderia sugerir profunda intelectualidade, carrega um tom levemente caricatural.

A ironia machadiana se revela, precisamente, no contraste entre a grandiloquência do tema ("os mais árduos problemas do universo") e a banalidade da situação: um grupo indefinido (nem quatro, nem cinco, mas "quatro ou cinco") discutindo metafísica, tema que para o filósofo grego antigo Aristóteles, é um modo de acessar um conhecimento transcendental, ou seja, que transcende a materialidade e os graus do conhecimento relacionados à vivência material do mundo, com a causalidade de quem conversa sobre o tempo. O narrador utiliza o termo "investigadores de cousas metafísicas" com uma ponta de sarcasmo - esses supostos sábios estão isolados entre a agitação

mundana da cidade e a impassibilidade das estrelas, como se seu debate tivesse real importância cósmica.

O texto sugere um contraste quando introduz o quinto personagem. Enquanto os outros quatro debatem ativamente, sua passividade torna-se um enigma - será ele realmente igual aos demais, como superficialmente parece? Sua constante recusa em participar, mesmo quando instado durante o ápice da discussão sobre a natureza da alma (quando as opiniões se mostram completamente divergentes), cria uma nítida distinção. Jacobina, mantendo seu habitual silêncio, recusa-se mais uma vez a entrar no debate, reforçando seu papel singular nessa dinâmica conversacional.

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna (ASSIS, 2004, p 345).

No entanto, Jacobina surpreende ao propor contar um episódio de sua própria vida, alegando que tal relato ofereceria “a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata” (ASSIS, 2004, p. 346). Nesse momento, a estrutura narrativa do conto sofre uma virada significativa: transforma-se num diálogo entre Jacobina – agora elevado à posição de narrador principal – e os demais presentes, que passam a funcionar como um coro indistinto de interlocutores.

Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas... (ASSIS, 2004, p 346)

2. 1 Identidade e dualidade no sujeito

A identidade, em *O Espelho*, é apresentada por meio de uma estrutura narrativa que funde a experiência pessoal a uma pretensa objetividade filosófica. No entanto, é justamente essa pretensão de objetividade que revela a ironia característica de Machado de Assis. No trecho em que o narrador afirma: “Nem conjectura, nem opinião [...] Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...”, instaura-se o ponto de partida para o desenvolvimento da tese central do conto: a existência de uma dualidade anímica no sujeito — uma delas associada à imagem social, à aparência, ao cargo, ao reconhecimento externo; e a outra, mais íntima, ligada ao eu profundo, à

consciência pessoal. Trata-se de uma abertura que antecipa uma crítica sutil à sociedade e à forma como o indivíduo se vê e é visto pelos outros.

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. (ASSIS, 2004, p 347)

A metáfora do homem como sendo, “metafisicamente falando, uma laranja”, é uma das expressões mais singulares da ironia machadiana. Ao recorrer a uma fruta comum para representar a constituição ontológica do sujeito, Machado de Assis reduz a solenidade da tradição metafísica a uma imagem do cotidiano, desarmando qualquer expectativa de grandiosidade conceitual. Enquanto os sistemas filosóficos clássicos como os de Descartes, Kant ou mesmo os metafísicos aristotélicos, buscavam compreender a essência do ser humano com base em categorias racionais, universais e abstratas, o narrador de *O Espelho* opta por uma comparação prosaica, quase cômica. A laranja, por sua estrutura compartimentada, sugere um sujeito dividido, composto de partes interdependentes, mas não necessariamente harmônicas: há uma casca (a alma exterior, social, aparente) e há gomos (a alma interior, íntima, essencial). Ao transportar a discussão da alma para o plano de uma fruta, Machado enfatiza a artificialidade e fragilidade das distinções que sustentam o ego. A metáfora provoca o riso, mas também a reflexão, pois aponta para o modo como o ser humano é constituído por camadas, algumas visíveis, outras ocultas, todas vulneráveis ao tempo, à percepção alheia e às circunstâncias.

Logo após essa passagem, inicia-se o relato sobre o episódio da nomeação do narrador ao posto de alferes da Guarda Nacional que marca o início da construção simbólica da "alma exterior" — conceito central no conto *O Espelho*. O entusiasmo da mãe, que passa a chamá-lo de “seu alferes”, é revelador da forma como a identidade passa a ser mediada por um título e pelo reconhecimento social.

Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam

o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. (ASSIS, 2004, p 348)

Como observa Faoro (1988), ninguém deve se deixar iludir pelo cenário aristocrático que compõe a superfície das obras de Machado de Assis. Embora povoadas por barões, conselheiros e comendadores, essas figuras não são tratadas como modelos de grandeza moral ou intelectual, mas antes como símbolos de um jogo social pela vaidade e pelo prestígio vazio, que são evidenciados no conto.

Logo após a mãe, que se mostra orgulhosa com a nomeação do filho como alferes da Guarda Nacional, é introduzida a figura de D. Marcolina, tia do narrador, cuja presença marca decisivamente o enredo. Ao solicitar que o sobrinho a visite em seu sítio afastado levando consigo a farda, Marcolina reforça a valorização simbólica do título militar, atuando como agente de confirmação da identidade social recém-construída. O contraste entre o espaço isolado e a ascensão simbólica do protagonista evidencia a função da tia como mediadora da “alma exterior”, conceito central do conto:

E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes" (ASSIS, 2004, p 348)

Em seguida, o enredo sofre uma transição: Dona Marcolina, recebe a notícia de que uma de suas filhas, que mora distante do sítio, estava mal e à morte. Como mãe extremosa, ela viaja para cuidar da filha. Essa mudança de eixo narrativo é decisiva para a elaboração da tese central do conto: a dualidade da alma humana. Sem os olhos alheios que lhe conferem identidade, o jovem alferes experimenta um esvaziamento simbólico de si mesmo, o que conduz à reflexão profunda — e irônica — sobre como a subjetividade pode estar condicionada a atributos externos, como a farda, o título, ou mesmo a imagem refletida no espelho.

2.2 A encenação social e a dependência do reconhecimento alheio

A esse processo de esvaziamento identitário soma-se outro elemento essencial da

estrutura simbólica do conto: a presença dos escravizados, que reforçam o poder e o prestígio do protagonista por meio da adulação. Nesse sentido, como observa Faoro (1974) “A fazenda está vinculada ao escravo. Não há fazenda sem escravos” encontra eco na narrativa de Machado. Ainda que o conto se passe em um sítio e não numa fazenda produtiva, a lógica social que sustenta a hierarquia senhorial está presente: o escravo é mais que força de trabalho: É peça fundamental no jogo de aparências e no reconhecimento da autoridade do senhor.

Os escravizados, ao se referirem ao protagonista com frases como “Nhô alferes é muito bonito” e “há de casar com moça bonita, filha de general”, operam como espelhos simbólicos: não apenas refletem a imagem que o jovem deseja de si, como também confirmam seu lugar na hierarquia social. Machado, com sua fina ironia, mostra que a identidade do alferes só existe enquanto há escravizados para reconhecê-la. Quando esses desaparecem, o protagonista mergulha em crise. Desfaz-se, então, a “alma exterior” que o sustentava.

Nesse aspecto, *O Espelho* articula com maestria a crítica à dependência social da elite em relação ao reconhecimento alheio, inclusive do escravizado. A obra confirma, assim, que mesmo os espaços aparentemente afastados da ordem urbana, como o sítio, reproduzem a mesma estrutura simbólica de dominação e aparência da sociedade escravocrata brasileira.

É nesse ponto que outra observação de Faoro (1974) se revela esclarecedora: “A sociedade agrária é um reflexo da sociedade urbana”. Ainda que em oposição à visão tradicional da história brasileira, que tende a opor campo e cidade como esferas distintas, Machado de Assis antecipa, com sutileza, a ideia de que o campo não escapa à lógica da encenação social urbana. O sítio, em *O Espelho*, não é um espaço neutro ou alheio às tensões sociais do Império: ele apenas projeta, em escala reduzida, os mesmos códigos de prestígio, hierarquia e aparência que estruturam a vida na cidade. Assim, a crise do alferes, privada do olhar dos outros, não é apenas pessoal, é um desmascaramento simbólico de toda uma ordem social baseada na ilusão e na representação.

Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei

mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! Pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados. (ASSIS, 2004, p 347)

Os escravos fogem do sítio, deixando o alferes completamente sozinho. É nesse momento que o narrador mergulha em uma experiência de solidão extrema, marcada não apenas pela ausência física dos outros, mas sobretudo pela desintegração simbólica da identidade que antes era sustentada pelo olhar alheio. Ele relata: “à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular”. Essa descrição, que remete a uma espécie de paralisia corporal, é profundamente irônica. Machado de Assis recorre a uma linguagem quase clínica para expressar uma crise subjetiva, revelando que o verdadeiro colapso não é fisiológico, mas existencial.

A solidão, então, intensifica-se e adquire uma dimensão temporal dilatada e opressiva: “nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa”. O tempo, que antes se organizava pela presença dos outros e pelo cumprimento de papéis sociais, torna-se agora uma prisão subjetiva, um fluxo interminável de vazio. Essa percepção se materializa no som insistente do relógio — “cuja pêndula [...] feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade”. O protagonista sente o tempo não como passagem, mas como repetição, um eco da ausência de sentido. Anos mais tarde, ao deparar-se com o verso “Never, for ever! – For ever, never!”, do poeta Longfellow, revive aquele momento angustiante: o trauma da invisibilidade e da insignificância.

Esse sofrimento, contudo, é revestido de uma ironia mordaz, característica da escrita machadiana. O protagonista trata a falta de reconhecimento social como se fosse uma doença real, quando, na verdade, o que se rompe é a ilusão da sua “alma exterior” — aquela parte da identidade construída não por essência, mas por aparência. Ao perder os símbolos que lhe garantiam prestígio e posição — a farda, os criados, a admiração alheia — o alferes revela o quanto sua subjetividade era vazia e dependente. Com isso, Machado de Assis desmonta a imagem de uma elite sólida e autêntica, expondo sua fragilidade e a teatralidade das relações sociais

sustentadas por títulos e hierarquia.

Essa desconstrução se intensifica no relato cotidiano do narrador durante o período de reclusão. Em um momento de absoluto desamparo, ele descreve com amargura: “Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava.” A precariedade material, aqui, é secundária diante da miséria simbólica. A crise não é causada pela fome ou pelo desconforto físico, mas pela ausência de reconhecimento, pela quebra do espelho simbólico que sustentava sua identidade.

Sua tentativa de resistir a esse colapso identitário se manifesta de forma patética e desesperada: recita versos, evoca trechos literários, realiza exercícios físicos, belisca as próprias pernas. No entanto, todas essas ações produzem apenas reações corporais — dor, cansaço, tédio — incapazes de preencher o vazio interior. A alma, antes moldada pela vaidade e sustentada pela encenação social, afunda-se num silêncio total, descrito como “vasto, enorme, infinito”. Tudo o que resta é o som mecânico da pêndula: “tic-tac, tic-tac...”, metáfora do tempo que se arrasta e da angústia existencial de quem não é mais visto por ninguém.

Machado de Assis conduz, com sofisticação, a desconstrução de um sujeito socialmente moldado, revelando que sua identidade era tão frágil quanto os símbolos que a sustentavam. A ironia do conto reside no contraste entre a intensidade do drama vivido e a natureza banal das suas causas. Não é a fome, a dor ou a solidão física que o destroem, mas a perda da imagem refletida, o colapso da encenação social. Assim, o autor denuncia a dependência da elite à validação simbólica e à estrutura escravocrata que a sustentava. Ao fim, o que permanece é a revelação de que, sem espelho, sem plateia e sem o olhar do outro, não há sujeito, apenas o vazio.

Essa revelação é magistralmente encenada nos momentos finais do conto, quando o protagonista, após dias de isolamento, decide encarar o espelho. Sua primeira tentativa é marcada pela frustração: “Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”. A imagem nebulosa que o espelho devolve é o reflexo direto da ausência de sua “alma exterior” — isto é, da identidade sustentada pelo olhar social e pelos símbolos de poder. Sem farda, sem serviçais,

sem a dona da casa, o alferes é reduzido a um espectro de si mesmo.

2.3 O espelho como dispositivo simbólico e o conceito psicanalítico de identidade

A recuperação dessa identidade fragmentada só ocorre quando ele retoma o ritual de vestir-se como alferes. Diante do espelho, trajando novamente o uniforme que o definia socialmente, ele declara: "então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho". O espelho, aqui, é menos um objeto e mais um dispositivo simbólico de confirmação identitária. A imagem só se forma quando está acompanhada dos signos sociais que conferem validade ao sujeito.

Esse ritual de restauração da identidade se intensifica:

"Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...". (ASSIS, 2004, p 352)

Tal prática remete diretamente ao mito de Narciso, em que o jovem se apaixona pela própria imagem refletida na água. Narciso desconhece que o objeto de sua admiração é ele mesmo; preso ao reflexo, acaba definhando até a morte.

"Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu. (OVIDIO, 2017, p 3)

No conto machadiano, o alferes, à sua maneira, também depende da imagem refletida para sustentar sua existência: sem o reflexo nítido e admirável de si mesmo, sua subjetividade colapsa. A metáfora se acentua na medida em que ele organiza seus dias em função desse encontro consigo próprio, um encontro mediado pela fantasia, pela farda e pelo olhar interiorizado do outro.

Essa dimensão especular da subjetividade encontra paralelos teóricos mais sistemáticos na psicanálise de Jacques Lacan, especialmente em seu conceito de "estádio do espelho". Segundo Lacan (1949), o sujeito se constitui como "eu" a partir do momento em que reconhece sua imagem refletida no espelho, por volta dos seis aos dezoito meses de vida. Esse reconhecimento, no entanto, é ilusório: trata-se de uma imagem idealizada de unidade e completude, que mascara a realidade fragmentada e descontínua do sujeito. O eu (ou ego) que emerge desse processo é uma construção imaginária, sustentada pela alteridade, ou seja, pelo olhar do outro.

No conto de Machado de Assis, essa teoria ganha expressão literária. O alferes só se reconhece como sujeito quando se vê refletido com todos os signos sociais que validam sua imagem: o uniforme, a postura, a posição social. Quando desprovido desses elementos, sua imagem torna-se "vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra" — expressão que dramatiza, de modo literário, a falência da constituição imaginária do eu sem a mediação simbólica do outro. A imagem no espelho, assim como no estágio lacaniano, é o ponto de partida de uma identidade que nunca é inteiramente própria, mas sempre alheia, refletida, construída fora de si.

“Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; requeei ficar mais tempo, e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo.” (ASSIS, 2004, p 351)

Machado antecipa, dessa forma, com rara sutileza, o diagnóstico lacaniano de que o sujeito não é um núcleo estável, mas uma ficção produzida no campo do imaginário e sustentada simbolicamente. A encenação diária do alferes diante do espelho mostra que sua identidade é um espetáculo contínuo, uma performance ritualística que visa preencher o vazio deixado pela ausência do olhar do outro.

O narcisismo do alferes é, nesse contexto, uma defesa contra o vazio da inexistência simbólica. A imagem refletida oferece-lhe não apenas consolo, mas

uma espécie de garantia ontológica. É diante do espelho que ele se torna, de novo, alguém. Assim como Narciso, o protagonista encontra no reflexo uma ilusão de plenitude que o protege do desamparo. No entanto, enquanto Narciso é tragado pela própria imagem ao ponto da morte, o alferes tenta preservar sua integridade psíquica recriando artificialmente o teatro de si mesmo. Isso mostra como a identidade social pode ser sustentada artificialmente, por rituais e performances, ainda que vazia de autenticidade.

Assim, *O Espelho* transforma-se em uma crítica à fragilidade do sujeito dependente de signos externos para sustentar sua individualidade. A ironia machadiana, ao explorar o colapso de um "eu" sem plateia, aproxima-se da psicanálise ao revelar que o reconhecimento de si é sempre mediado, sempre idealizado e, por isso, estruturalmente instável. Sem o espelho, sem o outro, o sujeito não desaparece: ele nunca chegou, de fato, a existir como unidade plena.

A articulação entre a psicanálise lacaniana, o mito clássico de Narciso e a literatura machadiana revela não apenas a erudição do autor brasileiro, mas também sua capacidade de antecipar, por meio da ficção, questões centrais da modernidade. O conto nos lembra que o sujeito moderno, ao buscar a si mesmo no reflexo do outro, encontra apenas um simulacro — e que a busca pela identidade é, em si, um exercício de ilusão e desejo. Em *O Espelho*, Machado não apenas constrói uma narrativa sobre o eu, mas escancara o abismo entre a imagem e a essência, entre o ser e o parecer.

3 Conclusão

Em suma, o conto *O Espelho* de Machado de Assis oferece uma reflexão sobre a dualidade da identidade humana, ilustrada na metáfora das “duas almas”: uma interior, íntima e essencial, e outra exterior, construída pela aparência e pelo olhar social — a chamada “alma exterior”. Essa dupla face revela a fragilidade da identidade construída apenas a partir da validação externa, tema que Antônio Candido sintetiza ao afirmar que “a integridade pessoal estava sobretudo na opinião e manifestações dos outros; na sociedade que o uniforme representa e naquela parte do ser que é projeção na e da sociedade” (Candido, 1995).

Machado desmonta a ilusão de uma identidade sólida e autêntica, mostrando que o prestígio social, os títulos e as aparências são máscaras necessárias para sustentar o eu perante os outros. A obsessão do protagonista pela manutenção do status simbolizado pela farda e pelo reconhecimento alheio expõe um vazio existencial e a teatralidade da elite brasileira do século XIX, que dependia da validação social para existir como sujeito.

Assim, o conto não se limita a uma crítica às estruturas escravocratas e às relações de poder, mas denuncia, com ironia, a hipocrisia e a vaidade que permeiam a construção social do indivíduo.

Referências

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SCHWARZ, Roberto. Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. São Paulo: Editora 34, 2000.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis _ in: Vários Escritos. 3a ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.

LACAN, J. (1949). "O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu".

OVÍDIO. Metamorfoses. Tradução de Paulo Rónai. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FAORO, Raymundo. Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

RIEDEL. Dirce Côrtes. Metáfora, o espelho de Machado de Assis. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

REFLEXOS DO MEDO NA MODERNIDADE: UMA LEITURA DE “O ESPELHO” (1882), DE MACHADO DE ASSIS